

# Surpresas da conversão

Divulgação Extra GAZETA MERCANTIL

3. MAI 1988

por Maria Christina Carvalho  
de São Paulo

Apenas US\$ 200 mil foram convertidos em investimento direto nas bolsas de valores, através dos fundos, no segundo leilão de conversão, realizado quinta-feira da semana passada, na Bovespa.

O levantamento foi divulgado ontem pela Bovespa e confirma antecipação feita por este jornal.

Os US\$ 200 mil correspondem a apenas 0,13% dos US\$ 150 milhões leiloados e representam um valor 84,6% inferior ao US\$ 1,9 milhão destinado aos fundos de conversão no leilão de março, ocorrido no Rio.

O presidente da Bovespa, Eduardo da Rocha Azevedo, que defende a reserva de uma parcela dos recursos leiloados para os fundos, afirmou que já esperava essa fraca atuação. Mas confessou-se surpreso com o fato de os fundos terem ficado com uma fatia inferior à obtida no leilão carioca. Ele atribuiu esse resul-

tado ao fato de a Assembleia Constituinte ter aprovado, no dia anterior ao leilão, restrições à atuação do capital estrangeiro no Brasil.

Para Rocha Azevedo, as recentes decisões nacionais da Constituinte vão afetar o interesse do capital estrangeiro na conversão, "principalmente através das bolsas de valores, porque nesse caso o risco é direto".

Os US\$ 200 mil foram convertidos para aplicação em fundo pelo Digibanco, revelou a diretora de investimentos, Andréa de Lamare. O fundo da instituição, que já tinha captado US\$ 300 mil no primeiro leilão, caminha agora para se tornar o maior.

Mais otimista, William Martins, vice-presidente de operações da Reserva Corretora de Câmbio e Valores S.A., disse que as bolsas de valores receberão reflexos positivos indiretos do leilão na medida em que "a maioria dos recursos deve ter ido para companhias aber-

tas, que terão uma melhora, em seus resultados, beneficiando os acionistas抗igos".

A Reserva converteu US\$ 2,8 milhões no leilão realizado em São Paulo, dentro do segmento destinado às áreas livres, em nome de investidor europeu que vai aplicar os recursos no setor industrial. O cliente da Reserva queria US\$ 6,5 milhões mas só estava disposto a pagar até 31,5% de deságio. Como o desconto chegou a 32% no leilão, a Reserva saiu da disputa mas ainda ficou com uma fatia do que pretendia no rateio.

Martins lembra também que as bolsas devem receber recursos através das companhias de participação, que ficaram com 9,3% dos recursos oferecidos no último leilão (US\$ 14 milhões), em comparação com 6,7% no primeiro. Apesar das restrições feitas pela Constituinte, Martins acredita que o capital estrangeiro terá interesse em entrar minoritariamente

em projetos de tecnologia de ponta e de forte atividade na exportação, que é o caso da mineração.

No último leilão, mais US\$ 13,5 milhões foram convertidos para o setor de mineração (9% do total ofertado), um investimento que pode até ser anulado caso não seja minoritário, conforme admitiu na sexta-feira o diretor da Área Externa do Banco Central (BC), Arnim Lore, ao comentar a situação de outros US\$ 11,2 milhões destinados à mesma área no primeiro leilão.

Mas o setor que abocanhou a maior fatia de recursos foi o eletroeletrônico, que ficou com US\$ 78 milhões, 52,3% do total do leilão, bem acima dos 10,2% captados no primeiro leilão, seguido pela indústria química, com US\$ 17,6 milhões (11,7%). O segmento de hotelaria e turismo, que captou 20,9% do primeiro leilão, desta vez recebeu apenas 1,8% dos recursos (US\$ 2,7 milhões).

O país que mais investimento fez no Brasil foi o Japão, origem de 49,3% dos créditos convertidos, percentual equivalente a US\$ 73,9 milhões, seguido pela França, com 28,3%. Seis "paraísos fiscais" também participaram da conversão com créditos que, somados, equivalem a 10% do total.

A cotação dos títulos da dívida brasileira no mercado internacional subiu para 52 a 54 centavos por dólar antes do último leilão de conversão, em comparação com 49 a 52 centavos há um mês.

(Ver p6)